

CONTINUIDADE TÓPICA E REFERÊNCIA EM NARRATIVAS ORAIS DE CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS*

Ana Maria Zilles Gonçalves
PUCRS

I – INTRODUÇÃO

A competência textual, segundo Marcuschi (1983:26), pode ser "pressuposta como presente em todo aquele que domina uma língua qualquer, uma vez que ele se comunica por textos e não por unidades isoladas".

Neste sentido, o processo de aquisição da linguagem é, também, o de desenvolvimento da competência textual.

Na investigação deste desenvolvimento, as narrativas orais produzidas pelas crianças constituem excelente fonte de dados, pois são textos organizados por elas para formar um todo discursivo, geralmente sem interferência direta do interlocutor nesta organização.

Dentre as vantagens de analisar a narrativa da criança, Bennett-Kastor (1983:135) destaca o fato de constituir seqüência discursiva ininterrupta, não artificial (espontânea), formada de enunciados relacionados, organizados em torno de um assunto, o que nem sempre é fácil de se obter das crianças numa conversação.

Tais propriedades da narrativa permitem, portanto, a investigação do emprego de recursos coesivos — de conexão seqüencial —

* Síntese de monografia realizada na disciplina de Linguística do Texto I, sob a orientação da profa. Dra. Leci Barbisan.

e da constituição de uma continuidade de sentido, indispensável à coerência do texto, expressa em conceitos e relações (Marcuschi, 1983:46).

Um dos aspectos importante da textualidade, a referência, parece estar afeto tanto às relações de coesão quanto às de coerência, segundo enfoques de diferentes autores.

Halliday & Hasan (1976:3) destacam o papel coesivo da referência anafórica e da co-referencialidade. Para eles, há coesão quando a interpretação de um item do discurso requer referência a algum outro item do mesmo discurso. Alertam, contudo, que a coesão não depende da presença de itens explicitamente anafóricos, mas de relações semânticas que podem se estabelecer por referência, elipse, conjunção e organização lexical (Halliday & Hasan, 1976:13).

Charolles (1978) apresenta um posicionamento distinto. Para ele, a pronominalização, a definitivização e as referências dêiticas contextuais são constitutivas da coerência textual e, portanto, classificadas como aspectos de uma de suas meta-regras de coerência, a saber, a de repetição.

Para Bartlet (1984:540), a coerência textual depende em grande medida da capacidade de estabelecer adequadamente a referência, assinalando no texto os referentes dos sintagmas nominais (SN) expressos por um Nome — precedido ou não de determinantes —, por Pronome ou por Elipse.

Bennett-Kastor (1983:137), por seu lado, caracteriza a repetição dos referentes como um dos recursos para alcançar a coerência. Como, nas narrativas, o SN (personagem ou evento narrado) é constantemente retomado, sua reiteração passa a ser constitutiva da coerência da história.

Por outro lado, as falhas em assinalar os referentes dos SNs geram indeterminação de sentido, ambigüidade referencial e uma dificuldade geral de processamento da informação contida no texto.

As pesquisas sobre as narrativas de crianças têm apontado repetidamente dificuldades desta ordem, como se vê em Bartlet (1984), Bennett-Kastor (1983), Power & Dall Martello (1986), Karmiloff-Smith (1981), Emslie & Stevenson (1981) e Romaine (1984).

Já Frederiksen (1981) e Reichler-Beguelin (1988) demonstram que a co-referenciação anafórica não parece ser problemática quando há apenas um referente antecedente envolvido. As dificuldades surgem quando é necessário deixar claro qual dos referentes antecedentes está sendo retomado.

Karmiloff-Smith (1981) descreve uma estratégia utilizada por crianças para a organização da narrativa, o Princípio de Restrição Temática (PRT), segundo o qual o uso de formas pronominais fica reservado exclusivamente àquele personagem que contribua maximamente para a narrativa, denominado sujeito temático. A referência a este protagonista, além de controlar o uso dos pronomes, é feita em posição inicial de cada enunciado, condicionando as escolhas lexicais e sintáticas. Mas, quando o sujeito temático não emerge, a criança produz enunciados justapostos, não conectados por recursos coesivos, como se fossem isolados uns dos outros.

Bartlet (1984:540) mostra que a referência anafórica não tem como única função o estabelecimento da co-referencialidade. Segundo esta autora, os padrões adultos de linguagem anafórica são plurifuncionais, servindo também para fornecer aos ouvintes/leitores importantes sinais sobre a estrutura do texto (divisão em episódios, por exemplo), organização temática (manutenção ou mudança de tópico) e ponto de vista ou foco.

Fletcher (1984:491), em uma investigação sobre a produção e recepção/compreensão de seqüências discursivas, aponta como resultado que a seleção das formas lingüísticas de referência é controlada por sua maior ou menor continuidade em relação a tópicos anteriores, sendo as formas mais marcadas usadas para indicar menor continuidade tópica e as formas menos marcadas, maior continuidade tópica, conforme uma escala proposta por Givón (1983).

Para Givón (1983:55), a continuidade tópica (relativa aos participantes) ou **previsibilidade** tópica (tendência a repetir o mesmo tópico em vários enunciados) contrasta com a descontinuidade ou **surpresa** de novos tópicos. Do ponto de vista da compreensão, enquanto a continuidade facilita a identificação do tópico, a descontinuidade a dificulta.

A continuidade tópica, então, como mais previsível, é o caso não marcado do discurso, ao passo que a descontinuidade, ou mudança de tópico, é o caso marcado no discurso.

A relação entre formas marcadas e continuidade é então expressa ao longo de uma escala (Givón, 1983:56):

MAIOR CONTINUIDADE

- a. Anáfora zero
- b. Pronomes presos ou concordância gramatical
- c. Pronomes independentes
- d. SN DEF deslocado para a direita
- e. SN DEF
- f. SN DEF deslocado para a esquerda
- g. Movimento Y – topicalização contrastiva
- h. Construções clivadas

MAIOR DESCONTINUIDADE

Para o português, como Givón sugere para o espanhol, os pontos a. e b. consistem num só: ELIPSE do pronome com marca de concordância gramatical no verbo.

Givón (1983:57) também alerta para a existência de outros recursos sintáticos, como pontos adicionais da escala ou como complemento de algum ponto já definido. Apresenta-os sem ordem pré-estabelecida:

- a. Modificadores restritivos de um SN
- b. Variação na ordem das palavras: VS/SV ou OV/VO
- c. Orações ativas versus passivas
- d. Oração principal versus subordinada
- e. Orações finitas versus não-finitas/participiais/nominalizadas
- f. SN indefinido e construções apresentativas/existenciais

Segundo Givón (1983:54), um parágrafo temático tende a ser organizado em torno de um SN tópico dominante, recorrente em cada oração sucessiva do 1º Plano (**foreground**), mas tendo valores de continuidade diferentes ao longo da cadeia. Assim, no início do parágrafo o tópico é descontínuo quando quebra a continuidade do tópico dominante no parágrafo anterior, podendo ser um tópico totalmente novo (é indefinido) ou um tópico reintroduzido (é definido), o que exige codificação diferente. Além disso, um tópico pode ser reintroduzido, após uma maior ou menor ausência, sem o ser em enunciados sucessivos. Tais contextos, diz Givón, condicionam diferentes codificações do tópico definido. Finalmente, qualquer tópico – reintroduzido, introduzido pela primeira vez ou

contínuo – pode aparecer em contextos onde há outros SNs/tópicos, o que cria um potencial de ambigüidade, especialmente quando compartilham entre si o mesmo gênero semântico e/ou gramatical. Nestes ambientes de maior ambigüidade, diferentes recursos sintáticos podem ser usados para codificar os tópicos, como mostra a escala acima apresentada.

Neste trabalho, procurou-se investigar em que medida crianças de 4 a 6 anos se valem de uma escala de continuidade tópica para selecionar as formas de referência do SN tópico e como ela se caracteriza.

A hipótese geral, estabelecida a partir de Givón (1983) e Fletcher (1984) anteriormente citados, é a de que a seleção das formas de expressão do SN tópico pela criança é controlada pelo grau de continuidade de cada SN tópico em relação ao(s) tópico(s) anterior(es).

Dois principais questões nortearam a análise das narrativas:

1) As crianças das três faixas etárias utilizam formas de SN mais marcadas – SN IND e SN DEF – para indicar descontinuidade e formas de SN menos marcadas – PRONOME e ELIPSE – para indicar continuidade do tópico?

2) Há nas narrativas das três faixas etárias padrões de referência próprios para marcar cada um dos quatro graus seguintes de continuidade tópica: introdução de tópico (IT), mudança de tópico (MT), reintrodução de tópico (RT) e continuidade de tópico (CT)?

A fim de caracterizar o uso espontâneo da referência em relação ao tópico, analisaram-se narrativas orais inventadas pelos sujeitos, sem elicitación experimental que não fosse o pedido verbal de “contar uma historinha”.

Por narrativa inventada pela criança entende-se aquela criada por ela, podendo incluir arquétipos da literatura infantil, mas sem o compromisso de reproduzir material aprendido anteriormente.

II – METODOLOGIA

1. Sujeitos

Os sujeitos são crianças de ambos os sexos, de 4, 5 e 6 anos, num total de 18, sendo 6 de cada faixa etária. Todos freqüentam pré-escola, onde as narrativas foram colhidas.

Como as idades dos sujeitos não foram especificadas em meses, as diferenças existentes só poderão ser rigorosamente vistas como tendências do corpus em exame.

2. Coleta de dados

Das 18 narrativas analisadas, 7 fazem parte de gravações do acervo do CEAAL, colhidas na Grande Porto Alegre, em creches e pré-escolas diversas. As 11 narrativas que completam a amostra foram gravadas na Pré-Escola da E.E. de 1º e 2º Graus Piratini.

Não foram consideradas diferenças sociais entre os sujeitos.

Não foram utilizadas gravuras ou quaisquer outros instrumentos de eliciação.

3. Análise dos dados

Após a transcrição, as narrativas foram segmentadas em enunciados conforme as pausas, entoação e estrutura sintática.

Em cada enunciado foi identificado o tópico dominante, mediante critérios baseados em Fletcher (1984) e Givón (1983), a seguir discriminados:

- o tópico é o SN que refere a pessoa (participante/personagem) ou objeto sobre o qual se fala no enunciado;
 - o tópico geralmente ocupa a posição inicial do enunciado;
 - o tópico geralmente corresponde ao sujeito gramatical;
 - ao tópico associa-se o uso de pronomes, elipse e artigo definido;
 - o tópico tem lugar privilegiado na memória a curto prazo por ser posto no 1º plano ("foreground") e por receber foco especial ("highfocus");
 - a continuidade de um tópico requer formas menos marcadas (elipse e pronome), enquanto a descontinuidade requer formas mais marcadas (SN DEF e SN IND);
 - a descontinuidade tópica pode ser marcada por estruturas sintáticas especiais, como VS (Verbo-Sujeito), topicalização de objeto ou sentenças clivadas, entre outras.
- Numa adaptação do que propõem Ochs Keenan & Schieffelin (1983:70-2) para o estudo do tópico na conversação e Givón

(1983:54) para o estudo do parágrafo temático, cada ocorrência de tópico foi então classificada como:

- IT: introdução de tópico — marca o início da narrativa e, do ponto de vista das formas de expressão do SN, a 1ª menção de um referente tópico;

- CT: continuidade do tópico — marca ao longo de enunciados consecutivos a retomada ininterrupta de um mesmo tópico;

- MT: mudança de tópico — marca a referência a um novo tópico, mesmo no caso de constituir referente anteriormente introduzido no comentário;

- RT: reintrodução de tópico — marca a volta de um tópico anterior da narrativa.

Pretendeu-se verificar, com a distinção destes quatro níveis de continuidade tópica, se havia padrões de expressão do SN distintos para cada nível nas narrativas infantis e se havia diferenças entre as idades.

A análise consistiu no estabelecimento de correlações entre os níveis de continuidade (IT, MT, RT e CT), as formas de expressão do SN (SN IND, SN DEF, PRO e ELIPSE) e as três idades (4, 5 e 6 anos).

Os resultados foram quantificados em termos de número de ocorrência e percentuais, considerando-se índices acima de 50% como indicadores de tendências ou padrões de emprego.

III — RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Padrões de Introdução do Tópico

A introdução do tópico corresponde à 1ª menção do referente sobre o qual recai o foco de atenção do 1º enunciado. Trata-se de expressão referencial identificadora, geralmente associada ao emprego de artigo indefinido (Karmiloff-Smith, 1979:38). Este referente costuma ser, nas narrativas infantis, o personagem principal, conforme McGann & Schwartz (1988).

TABELA 1 – Introdução de Tópico X tipo de SN x Idade

	4 anos		5 anos		6 anos		Total	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
SN IND	4	66,6	6	100	5	83,3	15	83
SN DEP	2	33,3	0	0	1	16,6	3	17

Como se observa na tabela 1, em todas as idades os tópicos iniciais foram predominantemente introduzidos com SN IND, não tendo havido nenhuma ocorrência de pronome ou elipse. Cabe destacar que não foram consideradas narrativas em 1ª pessoa, o que justificaria o emprego de pronome nesta situação inicial.

Esta forma de referência está de acordo com padrões adultos de 1ª menção de referente imprevisível descritos na literatura, conforme, por exemplo, a resenha de Karmiloff-Smith (1979, cap.2).

Por outro lado, os dois casos de SN DEF das narrativas de crianças de 4 anos são pragmaticamente justificados, pois são arquetipos de narrativa infantil.

Aos 6 anos, há um caso de SN DEF em que o grau de descontinuidade do tópico é marcado por uma estrutura tática especial: topicalização de objeto indireto. Trata-se de construção empregada para anunciar o quadro individual para o discurso que segue sendo, portanto, adequado do ponto de vista discursivo.

Parece possível afirmar-se, portanto, que em 88% dos casos constatou-se emprego de formas mais marcadas para IT, em contrastes com 12% de casos em que a referência é menos marcada, justamente na faixa de 4 anos.

Em virtude disso, parece que as crianças de 5 e 6 anos atendem mais à exigência de auto-contextualização da narrativa, tão bem caracterizada em Romaine (1984:154).

2. Padrões de Mudança de Tópico.

Os resultados da correlação entre mudança de tópico, tipos de SN e idades encontram-se na tabela 2 a seguir.

TABELA 2 – Mudança de Tópico x Tipo de SN x Idade

	4 anos		5 anos		6 anos		Total	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
SN IND	2	22,2	1	14	4	50	7	29
SN DEF	7	77,7	4	57	3	37	14	58
PRO	0	0	2	28	1	12	3	12

Observando-se a tabela 2 verifica-se que há, nos resultados totais, um predomínio de 58% de SN DEF para marcar mudança de tópico, o que corrobora o grau intermediário de descontinuidade dessa forma lingüística, já que se trata de referência estabelecida a meio caminho do discurso. Paralelamente, há 29% de referências com SN IND para mudança de tópico, todos casos de 1ª menção do referente. Finalmente, há 12% de referências pronominais, sendo 2 dos 3 casos associados a estruturas sintáticas marcadas (VS e interrogativa sugerindo clivagem) e, portanto, suficientemente marcados como formas descontínuas. Somente 1 caso foi considerado inadequado por tratar-se de referência ambígua, ainda que a forma pronominal foi usada após elipse, indicando preocupação da criança em explicitar a descontinuidade do tópico.

Cabe destacar ainda que as referências com SN DEF são em 50% casos de 2ª menção do referente e, em 50%, casos de 1ª menção pragmaticamente justificável, com exceção de 1 caso de faixa etária de 4 anos (referente desvinculado).

Somados, os percentuais de SN DEF e SN IND atingem 97% de referências em que a descontinuidade (mudança de tópico) é marcada lingüisticamente de forma adequada, o que parece indicar competência textual dos sujeitos: selecionam as formas de referência de acordo com uma escala de continuidade tópica, empregando formas marcadas para indicar descontinuidade.

Em relação às três faixas etárias, observam-se tendências correlacionadas: decréscimo no emprego de SN DEF e acréscimo do de SN IND entre 4 e 6 anos. Isto sugere novamente que as crianças mais velhas parecem lidar melhor com as exigências do gênero narrativo. É interessante notar também que não há casos de SN

DEF como 1ª menção do referente/mudança de tópico aos 6 anos, o que pode ser interpretado como maior competência textual (discursiva) em comparação com um emprego mais indicador de competência pragmática nas idades anteriores. Evidentemente, os dados aqui apresentados, devido aos limites da amostra analisada, são insuficientes para afirmações seguras e devem ser vistos como propostas de reflexão.

3. Padrões de Reintrodução de Tópico

A reintrodução de um tópico constitui simultaneamente descontinuidade (em relação ao tópico imediatamente anterior) e continuidade (em relação ao discurso precedente a uma certa distância). A expectativa é, então, de maior incidência de SN DEF, por ser menos contínuo e mais explícito que elipse e pronome e por ser um padrão de 2ª menção.

Os resultados da correlação entre reintrodução de tópico, tipo de SN e idade estão na tabela 3 a seguir.

TABELA 3 – Reintrodução de Tópico x Tipo de SN x Idade

	4 anos		5 anos		6 anos		Total	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
SN DEF	2	50	7	58,3	5	45,4	14	51
PRO	1	25	5	41,6	5	45,4	11	42
ELIPSE	1	25	0	0	1	9	2	7

Como previsto, o SN DEF foi o recurso lingüístico mais empregado para reintrodução de tópico: em torno de 50% em todas as idades, o que é adequado para 2ª menção ou menção ulterior de um referente já introduzido no discurso. Também sob o ponto de vista da escala de continuidade este emprego de SN DEF é adequado, pois marca explicitamente o participante retomado como tópico.

Cabe destacar também que não houve nenhum caso de SN IND, revelando manejo adequado das formas de referência a meio caminho do discurso.

Em relação ao uso de pronomes, observa-se um crescimento importante aos 5 e 6 anos, com um percentual total de emprego de 42%.

Estes dados podem estar relacionados com a aplicação do Princípio de Restrição Temática proposto por Karmiloff-Smith (1981). Examinando-se os dados, verificou-se que 63% das ocorrências de pronome em reintrodução de tópico correspondem a narrativas em que este princípio parece reger a co-referenciação. Neste caso, além das instruções da escala de continuidade tópica, a criança segue uma estratégia específica de reservar o pronome para o sujeito temático/personagem principal. Um terço do total das narrativas apresenta esta característica, sendo interessante notar que corresponde à metade das narrativas de 5 e de 6 anos, sem nenhum caso nas de 4 anos.

Ao que parece, portanto, as crianças de 5 e 6 anos revelam uma competência textual mais desenvolvida, empregando recursos coesivos e evidenciando organização macro-estrutural, já que configuram explicitamente as relações que constituem o texto.

Resta mencionar ainda, em relação à tabela 3, a ocorrência de 2 casos de elipse para reintrodução de tópico. Esta forma de referência é inadequada ao grau de continuidade e exige esforço interpretativo por parte do ouvinte. Nos dois casos, porém, a referência é pragmaticamente recuperável, mas o texto em si resulta mal formado, caracterizando falha na aplicação da escala de continuidade tópica, já que o esperado era uma forma mais marcada de SN.

4. Padrões de Continuidade do Tópico

Se nas seções anteriores estabeleceram-se SN IND e SN DEF como padrões de referência associados a diferentes graus de descontinuidade, nesta seção a expectativa é de predomínio de ELIPSE e PRONOME como formas menos marcadas e, portanto, indicadoras de maior continuidade do tópico.

Conforme se vê na tabela 4, a forma mais freqüentemente empregada para indicar continuidade do tópico é a ELIPSE, com 58%, seguida pelo PRONOME, com 33% dos casos. Confirma-se, assim, a previsão estabelecida a partir da escala de Givón (1983). Além disso, estes dados parecem fornecer evidências para a con-

firmação da hipótese levantada neste trabalho: de que a seleção das formas de expressão do SN tópico é controlada pelo grau de continuidade tópica.

TABELA 4 – Continuidade do Tópico x Tipo de SN x Idade

	4 anos		5 anos		6 anos		Total	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
SN IND	0	0	2	7	0	0	2	2
SN DEF	3	15	0	0	1	3	4	5
PRO	4	21	12	46	8	29	24	33
ELIPSE	12	63	12	46	18	66,6	42	58

Somadas as ocorrências de ELIPSE e PRONOME, obtém-se 91% dos casos com formas adequadas de referência a um tópico contínuo. Evidencia-se, assim, manejo bastante adequado da escala de continuidade, o que tem efeito coesivo indicador de competência textual em desenvolvimento.

Os 4 casos de SN DEF para marcar continuidade do tópico estão relacionados com: dificuldade da criança em estabelecer a continuidade da própria narrativa (1 caso), dificuldade em explicitar uma mudança de estado do referente (1 caso) e emprego de repetição lexical com supressão de forma derivacional (2 casos). Pode-se afirmar, assim, que apenas os dois primeiros são problemáticos, já que o recurso à repetição lexical é uma forma coesiva aceitável, como se vê em Halliday & Hasan (1976).

Resta considerar, sobre a continuidade do tópico, as 2 ocorrências de SN IND. Trata-se de emprego inadequado da regra sintática de Elipse de Nome Idêntico (Pontes, 1978:146-7), já que há uma distância textual, entre uma e outra referência, de vários enunciados.

Do ponto de vista da continuidade tópica, a criança utilizou um processo de amálgama seguido de desdobramento, o que resultou em indeterminação da referência, com comprometimento da coesão (co-referencialidade) e da coerência (imprecisão de sentido).

5. Padrões globais de continuidade

A análise descrita anteriormente parece permitir o estabelecimento de padrões de expressão do SN tópico para cada nível de continuidade, considerando-se o todo do corpus examinado.

A tabela 5 condensa os resultados gerais das seções anteriores.

TABELA 5 – Quadro geral dos padrões de referência do SN em relação aos 4 níveis de continuidade tópica

Nível de Contin.	Tipo de SN	Total de Ocor.	Percentual	Nº de ocor. inadequadas
IT	SN IND	15	83	
	SN DEF	3	17	
MT	SN IND	7	29	
	SN DEF	14	58	1
	PRO	3	12	1
RT	SN DEF	14	51	
	PRO	11	42	
	ELIPSE	2	7	2
CT	SN IND	2	2	2
	SN DEF	4	5	2
	PRO	24	33	
	ELIPSE	42	58	

Assim, se se considera padrão a tendência de uma forma de SN ocorrer em mais de 50% dos casos de cada nível de continuidade, obtém-se a seguinte escala:

- IT – SN IND (83%)
- MT – SN DEF (58%)
- RT – SN DEF (51%), sendo PRO (42%)
- CT – ELIPSE (58%), sendo PRO (33%)

Como se observa, então, os extremos da escala são SN IND (maior descontinuidade) e ELIPSE (maior continuidade). SN DEF parece marcar o ponto medial, com valores de continuidade e descontinuidade. O pronome parece ocupar posição intermediária entre ELIPSE e SN DEF, onde tem valor de continuidade.

Estes resultados fornecem evidências para a confirmação da hipótese examinada neste trabalho e para a atribuição de uma competência textual em desenvolvimento nas idades consideradas. Esta afirmação pode ser reforçada pela constatação de que apenas 8 casos de 141 referências analisadas foram considerados inadequados. Destes, 7 estão diretamente relacionados com falhas na aplicação da escala (em 5 casos a referência esperada deveria ser por uma forma mais marcada de SN e em 2 casos, por uma forma menos marcada de SN).

IV – CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo investigar que princípios norteiam o estabelecimento da referência nas narrativas orais de crianças de 4 a 6 anos.

A revisão da literatura revelou que se trata de área complexa de investigação, com vários pontos de controvérsia.

Priorizando-se a construção da narrativa pela própria criança, optou-se por examinar um corpus heterogêneo de textos inventados pelos sujeitos, sem outro tipo de elicitación que não o pedido verbal de "contar uma história".

Diante disso e considerando-se a amplitude do tema referência, optou-se por examinar um aspecto particular, a saber, as relações entre continuidade tópica e formas de expressão do SN tópico. A pergunta inicial era: em que medida as crianças de 4 a 6 anos se valem de uma escala de continuidade tópica para selecionar as formas de referência do SN tópico e como ela se caracteriza.

A hipótese foi estabelecida a partir de Givón (1983) e Fletcher (1984): a seleção das formas de expressão do SN tópico é controlada pelo grau de continuidade de cada SN tópico em relação ao(s) tópico(s) anterior(es).

A análise foi efetuada distinguindo-se 4 níveis de continuidade do tópico: Introdução, Mudança, Reintrodução e Continuidade e 4 formas de SN: SN IND, SN DEF, PRONOME e ELIPSE.

Esta investigação teve como principais resultados:

– o estabelecimento de padrões de referência correspondentes aos 4 níveis de continuidade tópica previstos, com formas mais marcadas para indicar descontinuidade e formas menos marcadas para indicar continuidade do tópico;

– a caracterização da escala de continuidade seguida pelas crianças da amostra, bastante semelhante aos padrões adultos propostos por Givón (1983);

– a identificação de um percentual de apenas 5,6% de usos inadequados de formas de SN tópico para estabelecer a referência. Evidentemente é preciso ressaltar que só foram examinados os SN tópicos, o que tem duas implicações: a) o controle de referência pelo SN tópico parece estar bem estabelecido, com diferenças positivas para os 6 anos; b) pode haver dificuldades no estabelecimento da referência a SN não tópicos, o que não foi investigado neste trabalho.

Estes resultados fornecem evidências para a confirmação da hipótese testada, guardados os limites do corpus em apreço.

Evidenciou-se, também, o uso do princípio de restrição temática em metade das narrativas de 5 e de 6 anos.

Do ponto de vista da competência textual, parece possível afirmar que a continuidade tópica organiza a referência, controla os processos anafóricos, contribuindo para a coesão e a coerência dos textos narrativos orais produzidos pelas crianças.

Aos 6 anos elas parecem ser mais competentes, aproximando-se bastante dos padrões adultos.

A principal limitação deste trabalho consistiu em considerar-se apenas as referências ao SN tópico dominante de cada enunciado. Os tópicos secundários ou os SNs inseridos no comentário não foram analisados, de modo que a avaliação do grau de adequação das referências estabelecidas pelas crianças é bastante restrita.

Outra limitação diz respeito ao fato de não se ter comparado narrativas dos mesmos sujeitos colhidas em situações mais controladas, com uso de gravuras ou reconto. Esta análise comparativa permitiria verificar em que medida a criança estabeleceria diferen-

ças entre narrar com base em conhecimento compartilhado e narrar algo imprevisível, desconhecido por parte do interlocutor.

Fica-se, assim, com uma certeza, que talvez já seja lugar comum, mas que ajuda a dimensionar os achados deste trabalho: a certeza de que muito mais precisa ser investigado sobre a competência textual e a aquisição da linguagem para que se tenha um quadro referencial e interpretativo significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARTLET, E.J. (1984) "Anaphoric reference in written narratives of good and poor elementary school writers". *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, (23):54-2.
2. BENNETT-KASTOR, T.L. (1983) "Noun phrases and coherence in child narrative". *Journal of Child Language*, (10):135-49.
3. CHAROLLES, M. (1978) "Introduction aux problèmes de la cohérence des textes". *Langue Française*, (38):7-41.
4. EMSLIE, H. & STEVENSON, R. (1981) "Pre-school children's use of the articles definite and indefinite referring expressions". *Journal of Child Language*, (8): 313-28.
5. FLETCHER, C.R. (1984) "Markedness and topic continuity in discourse processing". *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, (23):87-93.
6. FREDERIKSEN, J.R. (1981) "Understanding anaphora: rules used by readers in assigning pronominal referents". *Discourse Processes*, (4):323-47.
7. GIVÓN, T. (1983) "Topic continuity in discourse: the functional domain of switch reference". In: HAIMAN, J. & MUNRO, P. (eds.). *Switch Reference and Universal Grammar*. Amsterdam, John Benjamins.
8. HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. (1976) *Cohesion in English*. London, Longman.
9. KARMILOFF-SMITH, A. (1979) *A functional approach to child language - A study of determiners and reference*. London, Cambridge University Press.
10. —. (1981) "The grammatical marking of thematic structure in the development of language production". In: DEUTSCH, W. (ed.). *The child construction of language*. London, Academic Press.
11. MARCUSCHI, L.A. (1983) "Linguística do texto: o que é e como se faz". *Série Debates*, (1), U.F. Pernambuco.
12. MCGANN, W. & SCHWARTZ, A. (1988) "Main character in children's narratives". *Linguistics*, (26):215-33.
13. OCHS KEENAN, E. & SCHIEFFELIN, B. (1983) "Topic as a discourse notion: a study of topic in the conversation of children and adults". In: OCHS KEENAN, E. & SCHIEFFELIN, B. *Acquiring conversational competence*. London, Routledge & Kegan Paul.

14. PONTES, E. (1978) "Os determinantes em Português". *Tempo Brasileiro*, (53/54): 145-65.
15. POWER, R.D.J. & DAL MARTELLO, M.F. (1986) "The use of the definite and indefinite articles by Italian preschool children". *Journal of Child Language*, (13): 145-54.
16. REICHLER-BEGUELIN, M.J. (1988) "Anaphore, cataphore et mémoire discursive". *Pratiques*, (57):15-41.
17. ROMAINE, S. (1984) *The language of children and adolescents*. New York, Blackwell.